

determinado a estabilidade de um sistema em um dado momento. Terceiro, vem o “conceito europeu de soberania” que o distingue tanto de outras civilizações como dos sistemas suseranos que prevaleceram em outros lugares. Quarto, a “matriz cultural” na qual uma determinada sociedade está imersa tem um papel fundamental na forma pela qual arranjos regulatórios surgem entre entidades políticas. Por fim, ele analisa a categoria “legado do passado” já que elementos de continuidade que perpassam as sociedades evidenciam que não há uma recriação total dos princípios que regem essas sociedades.

Aqui algumas qualificações podem ser feitas, já que mesmo as considerações que Watson faz ao excessivo eurocentrismo que caracteriza vários teóricos em suas análises, também podem ser direcionados ao seu trabalho. Isso se deve à contrastável atenção que o autor dá à chamada “sociedade internacional européia”, que ocupa grande espaço na sua reflexão. Fora isso, a deficiência na consideração da evolução interna dessas sociedades, além de uma limitação constricta de fontes na sua reflexão, acaba levando o seu esforço de síntese à excessivas generalizações sobre as características e a evolução das mesmas.

Contudo, esses pormenores não conseguem diminuir a especial relevância que esse estudo tem na diminuição da nebulosidade que é caracterizada a nossa hodierna “sociedade internacional global”, além de se inscrever em renovado esforço de estudo da disciplina de Relações Internacionais em uma perspectiva histórica e comparada.

Rogério de Souza Farias

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004, 429 p. ISBN: 85-724-4255-3.

Muito se tem escrito sobre o mundo muçulmano e seu relacionamento com o Ocidente. E não poderia ser diferente, uma vez que o chamado “choque de civilizações”, pelo menos na percepção de grande parte da sociedade ocidental, veio para ficar e se aprofundar, ainda que não se entenda muito bem suas raízes e muito menos a sua cultura. No Brasil, no entanto, talvez por nos abrigarmos no mito do cruzamento pacífico de culturas, pouco se publicou sobre o tema.

É no mundo muçulmano que se encontra o maior grau de participação em episódios de violência social no mundo atual: em 2000, a revista **The Economist** identificou trinta e dois grandes conflitos em andamento no mundo, sendo que dois terços deles envolviam muçulmanos combatendo muçulmanos ou muçulmanos combatendo não-muçulmanos. Ainda que se possa citar alguns dos momentos mais conhecidos de violência desde a Segunda Guerra Mundial – a repartição

entre a Índia e o Paquistão, a Crise do Suez de 1956, as guerras árabes-israelenses de 1967 e de 1973, a revolução iraniana, a guerra civil no Líbano e a invasão do país por Israel, a Guerra Irã-Iraque e a Guerra do Golfo – o atentado contra as torres do *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001, foi definitivo para que o mundo muçulmano passasse a ser tema de interesse do público em geral. O interesse, que poderia vir se arrefecendo, não decresceu porque as ações espetaculares não param de acontecer: os ataques às estações de Madri, que mataram 190 pessoas e feriram quase 2.000, para não falar, em sentido contrário, o início da guerra liderada pelos Estados Unidos contra o Iraque, em março de 2003.

Tentar compreender o mundo atual é sinônimo, em boa medida, de compreender o mundo muçulmano, objeto de estudo do livro de Peter Demant. O tema, que entrou no cotidiano do público em geral, é tratado por um dos grandes especialistas sobre o assunto, resultado de anos de pesquisa e debates com interlocutores das mais diferentes correntes e nacionalidades. Como qualquer trabalho histórico ou, mais genericamente, do campo das ciências sociais, o autor fala de algum lugar, no caso o Ocidente. A seu favor, a linguagem equilibrada de quem conviveu com palestinos e israelenses, tentando estabelecer um diálogo construtivo entre comunidades marcadas pelo ódio, mágoa e sofrimento.

Nascido em Amsterdã, Peter Demant é historiador especialista em questões médio-orientais. Obteve seu doutorado em 1988 na Universidade de Amsterdã e morou em Jerusalém de 1990 a 1998, onde foi pesquisador sênior do The Harry S. Truman Research Institute for the Advancement of Peace, na Universidade Hebraica. Nesse período, esteve ativamente envolvido nos diálogos entre acadêmicos israelenses e palestinos. Atualmente, é professor do Departamento de História da USP, lecionando Relações Internacionais e História da Ásia.

Na introdução ao livro, Demant diz que a obra objetiva “proporcionar ao leitor brasileiro uma idéia geral da civilização do islã, tornar compreensível como e por que parcelas significativas do mundo muçulmano vêm se radicalizando, politizando sua religião e agredindo o Ocidente – uma violência que, da perspectiva dos fundamentalistas, constitui apenas uma merecida e justificável resposta às agressões recebidas”. Para ele o elemento fundamental para entender o mundo muçulmano é a compreensão de sua riqueza histórica e de sua crise, que tem na ira contra o ocidente uma de suas manifestações.

O mundo muçulmano, que o controvertido V. S. Naipaul, prêmio Nobel de Literatura de 2001, busca compreender por via dos intrincados caminhos da fé islâmica em sua relação com o mundo secular e a ação revolucionária; esse mundo tremendamente dividido, cruzamento de tantas e diferentes tradições, com um passado glorioso e um presente caracterizado pelo sentimento de impotência e exploração, é o objeto de estudo de Demant, que tem uma abordagem mais sobre os muçulmanos do que sobre o islã, mais sociológica, antropológica, histórica e

política sobre grupos humanos específicos do que sobre questões teológicas, ainda que se deva levar em conta, naturalmente, que o islã é mais do que um conjunto de crenças, influenciando, em maior ou menor grau, a vida econômica, política e mesmo as relações internacionais.

Daí a dificuldade do Ocidente moderno – organizado secularmente – compreender as sociedade muçulmana e toda a sua complexidade. Essa é das maiores contribuições do livro de Peter Demant que, além de dedicar-se a explicar o surgimento do islã no século VII, na península árabe, sua expansão durante séculos – o islã, como o cristianismo é uma fé expansionista e monopolista da verdade –, a originalidade de sua inserção em diferentes regiões do mundo (Parte 1), debruça-se também sobre a questão que tanto nos interpela: a relação dessa civilização com a pós-modernidade (Parte 2) e os motivos para o sucesso do fundamentalismo no islã (Parte 3). Ao leitor, as explicações introdutórias do autor: “a ‘volta à religião’ é um fenômeno internacional que se observa entre cristãos e judeus tanto quanto entre muçulmanos. Não há dúvida de que o mundo muçulmano, no Oriente Médio em particular, estava pouco preparado para os controles políticos e econômicos – e para a invasão cultural – que as potências ocidentais conseguiram impor graças à sua supremacia militar . (...) Quando os muçulmanos se viram confrontados pela superioridade ocidental, a humilhação foi provavelmente maior do que a sofrida por outras civilizações, pois o islã considera uma impossibilidade teológica a tentativa de equiparar-se, nesses termos, ao Ocidente.”

O Mundo Muçulmano, ilustrado com mapas e fotos explicativos, é um belo livro. Destina-se a um público amplo e para facilitar a vida do leitor, apresenta uma cronologia, além de uma extensa bibliografia para quem quer se aprofundar sobre temas conexos.

Norma Breda dos Santos

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais**: temas, atores e visões. Petrópolis: Vozes, 2004, 248 p. ISBN: 85-3262-958-X

O número de cursos de Relações Internacionais no Brasil, tanto de graduação quanto de pós-graduação, cresceu rapidamente nos últimos anos. A ampliação da área acadêmica das Relações Internacionais do Brasil reflete a necessidade de formar profissionais habilitados a lidar com questões internacionais, uma demanda tanto da iniciativa privada quanto de órgãos públicos nas mais diversas esferas. Entretanto, como em qualquer área que cresce rapidamente, existem muitos desequilíbrios e carências, verificados principalmente no ensino de graduação em Relações Internacionais.